

A EPIDEMIA DOS CELULARES: COMO A TECNOLOGIA TRANSFORMA UMA SALA, ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS, UM RELATO

CARVALHO, Vinicius ¹
CARVALHO, Vitor ²

RESUMO: Este relato traz as observações diretas em uma escola estadual durante um dos rodízios como Bolsista do Programa de Residência Pedagógica (PRP), abordando a problemática em volta do seu uso excessivo do aparelho celular, desafiando o processo de ensino-aprendizagem. As observações relatadas foram realizadas nas turmas do 2º e 3º anos, revelando o uso descontrolado do aparelho e a significativa queda no desempenho acadêmico e no aprendizado. Os docentes enfrentam desafios todos os dias para manter a atenção dos discentes e controlar o manuseio dos aparelhos. Ademais, a instituição investe constantemente em métodos que controlem o manuseio dos aparelhos, como advertências, contudo os resultados são pouco efetivos. Diante desse cenário, o trabalho discute a necessidade de estabelecer limites dos dispositivos e propõe brevemente para maximizar os benefícios e minimizar os prejuízos. Sugestões incluem usá-los como ferramenta pedagógica, criação de espaços educativos nos meios digitais, e o aproveitamento de recursos como blogs, padlet e Instagram para envolver os alunos de forma mais efetiva no processo de aprendizagem, como espaços educativos nos meios digitais. Desse modo, a formação contínua é essencial para os desafios impostos pela crescente presença da tecnologia em sala, mantendo a relação de confiança, respeito e diálogo com os alunos, fundamental para o sucesso da prática educativa.

PALAVRAS-CHAVE: ensino médio; aprendizado; distração; residência pedagógica (RP); análise episódica.

1 INTRODUÇÃO

Esse relato foi construído com base nas experiências iniciais que tivemos de observação como alunos bolsista do programa de residência pedagógica (RP) ofertado pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) no curso de licenciatura em ciências biológicas, no segundo rodízio do programa em uma escola Estadual da cidade.

Durante o nosso planejamento, escolhemos esse episódio por se tratar de um problema relevante e inclusive exposto por residentes anteriores que passaram pela escola. Tal problema foi observado em todas as turmas. O uso de excessivo de celulares em sala de aula tem se tornado cada vez mais comum, mas o que acontece

¹ Graduando em Licenciatura em ciências biológicas, Bolsista do Programa de Residência Pedagógica, IFRO, *Campus QAmílcar Ferreira Sobral*, viniciuscarvalho@ufpi.edu.br

² Graduando em Licenciatura em ciências biológicas, Bolsista do Programa de Residência Pedagógica, IFRO, *Campus Amílcar Ferreira Sobral*, vitorcarvalhobio@ufpi.edu.br

quando esse uso se torna excessivo? Em ponto essas ferramentas corroborariam para resultados positivos? Essas perguntas marcam o início de um testemunho, quando observamos uma situação preocupante nas turmas, muitos alunos passavam a dedicar mais tempo as telas de seus celulares do que às atividades propostas pelos professores. O resultado foi uma queda significativa no desempenho acadêmico e na qualidade do aprendizado. Vejo que o uso consciente da tecnologia pode ser uma ferramenta valiosa para o aprendizado, mas é necessário estabelecer limites para evitar que ela se torne um obstáculo para o sucesso escolar.

Souza (2009) ressalta

"Se existem algumas coisas ruins, como por exemplo, a pessoa usar o celular para fazer um joguinho em sala de aula ou para fazer ligações, isso requer uma postura da escola em relação aos alunos. Se é impossível ensinar um comportamento de uso de celular a um estudante, o que será possível?"

A ligeira mudança social junto aos meios tecnológicos, tem alterado progressivamente como as pessoas se relacionam. Logo é necessário entender essa mudança. Para o autor Guareschi (2005, p.33). "Se a sociedade está mudando de forma tão rápida a escola não pode esperar, ela precisa se destacar, conhecer e explorar as preferências e interesses de sua clientela...". *Então, será que a melhor possibilidade é aproximar a tecnologia e mostrar como usar? Saberíamos como? Quais os prejuízos de não conseguir isso? Quais as vantagens de conseguir alcançar isso?* Essas são as perguntas que a sociedade atual e que nós como residentes nos fizemos durante o período de observação.

O uso excessivo não afeta apenas alunos, mas também professores que não veem mais sentido em ficar alertando para o problema e passam a colaborar com o empecilho. Parênteses à parte, não é difícil negociar o que pode e o que não pode ser feito quanto ao momento de uso. Na vida diária de trabalho, professores fazem isso da mesma forma que estabelecem outras regras de convivência na escola. As disputas mais comuns que podem surgir, acontecem precisamente porque as regras de utilização dos telemóveis não estão claramente definidas (Nóvoa, 1992). Nesse

Nota explicativa:

O uso da palavra "Epidemia" no título é para destacar o excessivo uso de celulares que ultrapassa o limite esperado. Na biologia tal palavra é utilizada quando o número de casos esperados (endemia) de indivíduos acometidas com determinada doença é ultrapassado.

sentido, é comum ver professores usando celular quando estão aplicando prova, exercícios ou atividades avaliativas, isto é, a regra não é necessariamente clara e respeitada, *por que ele está usando o celular quando deveria dar o exemplo?* O ambiente escolar é uma fusão de informação e comunicação ajustadas com base nas medidas previamente planejadas, cabendo sempre que possível espaço para adaptações (Silva, 2012).

Em síntese Imbersón afirma

um meio social baseado na informação e nas comunicações; a tendência a que tudo seja planejado; uma situação de crise em relação ao que se deve aprender e/ou ensinar em um mundo onde imperam a incerteza e a mudança vertiginosa; o novo papel do educador como gestor e mediador de aprendizagem (2000, p. 80).

Embora as novas tecnologias tenham transformado a forma como aprendemos, o papel do professor continua sendo fundamental na orientação, motivação e interação com os alunos. As escolas precisam se adaptar a essas mudanças para proporcionar uma educação de qualidade.

A instituição que educa deve deixar de ser um lugar exclusivo em que se aprende apenas o básico (as quatro operações, socialização, uma profissão) e se reproduz o conhecimento dominante, para assumir que precisa ser também uma manifestação de vida em toda sua complexidade, em toda sua rede de relações e dispositivos com uma comunidade, para revelar um modo institucional de conhecer e, portanto, de ensinar o mundo e todas as suas manifestações (Imbersón, 2000, p. 09).

Nesse sentido, o uso do celular na sala de aula, é importante considerar os desafios e as implicações que podem surgir, como distrações virtuais que podem atrapalhar o processo de ensino-aprendizagem. O professor desempenha um papel fundamental na abordagem pedagógica e na busca por estratégias eficazes de integração da tecnologia (Silva, 2012). Partindo dos pressupostos anteriores o objetivo desse trabalho é relatar os efeitos do uso de celulares em sala de aula com base em uma simples observação de comportamento do alunado, avaliando seus impactos positivos e negativos no processo de ensino-aprendizagem, bem como propor possíveis estratégias para maximizar os benefícios e minimizar os prejuízos dessa tecnologia de forte crescimento atualmente.

2 METODOLOGIA

O método de coleta de dados baseou-se na observação direta de eventos ou fenômenos para obter informações feitas numa escola estadual da cidade de Florianópolis. Nesse tipo de abordagem, registro observado ocorre de forma sistemática e imparcial. Para Gil (2000) constitui a forma mais adequada de conhecer a realidade, uma vez que nesse campo o pesquisador interfere minimamente. Nesse sentido, o ambiente expõe acontecimentos que podem ser registrados, os eventos ou comportamentos no contexto natural mostram a possibilidade de captar nuances, padrões e relações. Para que isso ocorra, conforme Beuren (2003) a observação consiste em ver, ouvir, e examinar fatos. Logo, esse trabalho envolveu a observação de comportamentos frequentes durante as semanas na escola em torno do uso de celulares, referente ao segundo rodízio da residência. Ao observar preliminarmente quatro turmas diferentes, percebemos o uso excessivo e descontínuo de celulares em sala. As classes acompanhadas foram: duas turmas de trilhas em dois segundos anos (com 3 alunos pela tarde e 9 pela manhã), duas turmas de segundo ano em biologia (com 8 alunos pela tarde e 15 pela manhã) e uma do terceiro (com 26 alunos matriculados) com a quantidade de alunos que frequentam a turma sempre variando.

Fachin (2002) entende as técnicas de observação como um procedimento básico de natureza sensorial, e como um processo pelo qual os pesquisadores entram no mundo dos fenômenos empíricos se conseguirem apreender com precisão os aspectos essenciais e contingentes dos fenômenos no contexto do campo. Observar essas turmas foram de imensa importância para adquirir informações, compreender melhor o mundo, principalmente quanto a invasão e danos dos meios tecnológicos sociedade e para a tomada de decisões.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos primeiros dias de observação sentamo-nos na fileira do lado, de encontro com a parede, observando atentamente o professor enquanto ele tentava transmitir o conteúdo. Eram poucos os professores que conservavam o entusiasmo e isso, no entanto, não era o suficiente para direcionar a atenção dos alunos ao conteúdo da turma, que imersos em seus próprios mundos digitais, pareciam alheios à aula. É imensamente preocupante observar que as máquinas e seus diversos recursos digitais não assumem apenas vagas de trabalho e geram desemprego, mas também

“roubam” a atenção das pessoas em situações simples do dia-a-dia, como, por exemplo, acompanhar uma aula.

As reclamações feitas pelo professor a turma eram constantes, medida que ele levantava seu olhar para a turma, curvavam em uma expressão de desapontamento. Pois não importava o quanto eles se esforçam na aula, minutos depois o rosto dos alunos estava iluminado pelas telas dos celulares novamente, completamente desconectados do momento presente. Ele se dedicava constantemente a ensinar e compartilhar conhecimento, mas a barreira invisível entre ele e seus alunos, provocado pela tecnológica, os afastavam. O docente procurava captar a atenção dos alunos, elevando a voz ou formulando questionamentos sobre o tema em discussão. No entanto, suas palavras eram completamente ignoradas. Os dispositivos celulares permaneciam firmemente seguros nas mãos dos estudantes, como uma extensão adicional de seus corpos, isto é, não importava o quanto a aulas exaltassem os conteúdos mais prováveis de cair na prova, a desatenção ocasionada pelos aparelhos levava os alunos a não se preocuparem com o risco de obterem notas baixas.

É muito comum que alunos sejam retirados da sala por não atenderem a comandos básicos como, por exemplo, o de pararem o uso no momento da aula, inclusive pelo uso de jogos (games) em sala. Um dos momentos mais difíceis foi ouvir casos em que alguns alunos trocaram desentendimentos e quase iniciaram uma agressão física com professores por conta do uso excessivo do celular. Fui informado que muitos alunos da instituição enfrentavam déficit em interpretação, leitura, notas e aprendizado, principalmente provocado pelo mundo tecnológico. Este reflexo era imenso na instituição. Muitas vezes a realidade de celulares estavam afetando até os professores, dado que alguns passavam atividades a turma e permaneciam sentados mexendo no celular sem se movimentar ou auxiliar em alguma dúvida na turma, reflexo, muitas vezes, de sua desistência em competir por atenção, manifestando o desinteresse por investir em novas didáticas. Nesse ponto, para as novas didáticas, é necessário considerar a adaptação dos contextos tecnológicos ao ambiente escolar. Neste contexto, a percepção da profissão docente diante dos desafios da globalização, do avanço do conhecimento e informação é:

[...] que a profissão docente foi um campo repleto de misticismos, de conhecimento cheio de contradições. Avançou-se mais no terreno das idéias e das palavras que no das práticas alternativas de organização. É preciso desenvolver novas

práticas alternativas baseadas na verdadeira autonomia e colegialidade como mecanismos de participação democrática da profissão que permitam vislumbrar novas formas de entender a profissão, desvelar o currículo oculto das estruturas educativas e descobrir outras maneiras de ver a profissão docente, o conhecimento profissional necessário, a escola e sua organização educativa. Para tanto, temos de compreender o que ocorre ante as especificidades relativas às áreas do currículo, às estruturas espaços-temporais que impedem novas culturas de organização, à participação ativa da comunidade, à dinâmica e a comunicação dos grupos, à escolarização pública, à veloz implantação das novas tecnologias da informação [...] (IMBERNÓN, 2000, p. 37).

Conversando com alguns professores descobrimos que a instituição já investiu em alguns métodos para os alunos reduzirem o uso ou que parassem de usar em sala. Um desses foi a “bandeja de celulares”, que não surtiu muito efeito, de um lado por nem todos os alunos colaborarem e por outro o medo do desaparecimento de aparelhos. Outra possibilidade era impedir que trouxessem celulares de casa, mas também a ideia não prosperou. A reunião com pais e mestres já não mostravam mais solução, dado que os pais não conseguiam impedir o uso pelos seus filhos. As reuniões eram apenas medidas paliativas.

Nós podíamos ver a frustração no rosto de alguns professores. Eles se esforçavam para criar um ambiente de aprendizado envolvente e interativo, mas era constantemente desafiado pela distração constante dos dispositivos eletrônicos). Os desafios desses professores refletiam uma sensação de impotência diante dessa realidade. Os alunos, mergulhados em seus próprios espaços virtuais, não conseguiam perceber decepção do professor. Nós estávamos apenas como observadores, todavia seríamos regentes da disciplina em algumas semanas e isso também nos frustrava, *o que poderíamos fazer? Como poderia resgatar a atenção e o interesse dos alunos por meio de palavras ou gestos? E se nenhum der atenção a aula e nós tivermos que reclamar?* Uma das muitas coisas que pensamos é se poderíamos usar os celulares como arma de aprendizado. Freire (1996) sinaliza para a importância da formação inicial e continuada, destacando a criticidade do professor perante ao uso tecnológico.

Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso denunciar se não conheço. (...) Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais

capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Eis aí a grande responsabilidade do professor perante a imensa demanda de produtos tecnológicos em questão (FREIRE, 1996, p.28).

Ao ler alguns textos incentivado pela orientadora durante os encontros, observamos que uma ideia interessante, que os professores não investiam em nenhum momento, era na construção de espaços educativos nos meios digitais, como, por exemplo, páginas em blogs como mostrou o trabalho de Piuzana e Silva (2015) “*O desenvolvimento de Blogs como estratégia pedagógica no ensino por investigação*” que ressaltou como o uso de recursos digitais para atividades são vantajosas para motivar a turma. Outro recurso é o uso do padlet (divulgação de imagem e texto) ou Instagram. Essas ferramentas poderiam ser utilizadas como um forte incentivo e poderiam ser uma opção para a divulgação de atividades avaliativas da disciplina, algum material estudado em sala, essencialmente quando incluírem imagens ou textos que motivariam os alunos a pesquisar e remodelar informações de outras fontes (livros) para divulgarem nesses meios, proporcionando a construção de sujeitos ativos e não apenas passivos como ocorre quando o docente libera uma atividade em formato de questões que podem ser facilmente plagiadas pelo google, como ocorreu com alguns residentes anteriores.

Conforme Silva (2012), existem diversas oportunidades de utilização do celular para a produção de materiais que podem ser empregados em sala de aula, como a criação de vídeos, imagens e acesso a sites onde esses materiais estejam disponíveis na internet, permitindo que os alunos possam interagir e discutir o conteúdo em sala de aula com o uso do celular. Nesse sentido “ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” Freire (1996, p. 65), significando que o processo educativo deve ser marcado pela coragem do educador de estar disposto a enfrentar os novos desafios do século e se dispor a aprender. Assim, não é favorável a exclusão ou a extensa rigidez de celulares nas escolas, já que a tendência é que os avanços digitais se tornem constantes. Pois, é por meio do conhecimento da realidade a que estão inseridos (alunos e professores) que poderão se engajar de maneira crítica e participativa.

Outras experiências e sugestões pedagógicas para o uso de telefones móveis em sala de aula e fora dela são listadas por Antonio (2010)

[...] se você em algum momento faz cálculos em salas de aulas e solicita que os alunos os façam, e a menos que por alguma boa razão eles devam fazer esses cálculos com algoritmo específicos e usando papel e lápis, então considere fortemente a possibilidade de usar os celulares como calculadora⁴. Além disso, se você é professor de matemática e quer ensinar seus alunos como resolver expressões aritméticas obedecendo as regras de procedência de operadores, considere que o uso de calculadoras, e, portanto, celulares, consiste em um método bastante eficaz de fazê-lo⁵, pois as máquinas seguem a ordem que nós determinamos para as operações. Se você marca datas de provas, entregas de trabalho ou outras datas que considera importante que os alunos se lembrem, peça-lhes que anotem essas datas (...) na agenda do celular que tem mecanismos de alerta. Já é possível criar serviço de envio de mensagens de aviso por e-mail ou via torpedo. Pelo celular é possível receber atualizações de sites, blogs e até mesmo de mensagens de Twitter, bem como fazer o caminho oposto. Se quiser dar um passo adiante você pode criar um serviço desses e disponibilizar para seus alunos; o telefone celular também é um serviço de leitura de notícias e de publicação de notícias⁶(p.05).

Portanto, é imprescindível que os educadores assumam o desafio de ampliar suas habilidades e explorar as tecnologias da informação e comunicação existentes na escola, a fim de tornar as aulas mais atrativas e eficazes

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprendemos uma grande lição naqueles dias de observação, o poder da conexão humana é cada vez mais diminuta e superar as distrações imposta pela tecnologia sempre será um desafio novo diante dos vários que a educação enfrenta, principalmente quando vivemos numa nova sociedade "a sociedade TikTok". E uma das vítimas é a educação, essencialmente, o professor, que continua lutando para despertar a curiosidade e o desejo de aprender em seus alunos.

O RP tem sido uma etapa fundamental na nossa formação como educador, pois tem permitido colocar em prática os conhecimentos adquiridos na teoria, vivenciando o cotidiano escolar e desenvolvendo habilidades essenciais para o exercício da profissão tornando um profissional mais preparado, competente e comprometido com

Grifos do autor

⁴ “celulares como calculadora”

⁵ “celulares, consiste em um método bastante eficaz de fazê-lo”

⁶ “telefone celular também é um serviço de leitura de notícias e de publicação de notícias”.

a educação. Entendemos que a formação é um processo contínuo e essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional. A relação com os alunos é fundamental para o sucesso da prática educativa. É preciso estabelecer uma relação de confiança, respeito e diálogo para que haja uma troca de saberes e um ambiente propício ao aprendizado. Compreender as necessidades e se colocar no lugar do aluno, entender seus interesses, criar estratégias pedagógicas mais eficazes são formas positivas de promover uma educação mais significativa e transformadora mesmo com os constates desafios em sala de aula, mas sempre entendendo que isso é um trabalho para um dia de cada vez.

5 AGRADECIMENTOS

“Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Brasil pelo apoio financeiro”.

REFERÊNCIAS

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social** 7a. edição. 7a. ed. São Paulo: Atlas, 2019. v. 1. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 15 de set. de 2023.

BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21431/1/2006_dis_ognazevedo.pdf. Acesso em: 15 de set. de 2023.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

SOUZA, R. A. (2009). **Comunicação mediada pelo computador: o caso do chat**. In: In: C. V. Coscarelli (ed.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 3. ed. 111-118. Belo Horizonte: Autêntica.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia, Educação e Cidadania: Tudo o que você quer saber sobre a mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

NÓVOA, Antonio (Coord.). **Os professores e sua formação – temas educacionais**/ Lisboa: editora nova enciclopédia. 1992

SILVA, M. G. da. **O uso do aparelho celular como recurso pedagógico em sala de aula**. Monografia. (Pós-graduação) - Especialização em Mídias na Educação, Universidade Federal do Amapá. 2012.

ANTONIO, José Carlos. **Uso pedagógico do telefone móvel (Celular)**, Professor Digital, SBO, 13 jan. 2010

IMBERNÓN, F. (Org.) **A educação no século XXI**. Porto Alegre: ARTMED, 2000 p. 80.

FREIRE, P. **A Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996, reedição 2008. Disponível em: portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/.../Pedagogia_do_Oprimido.pdf. Acesso em: 4 de nov. de 2023.